

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Tribuna de Minas*

Class.: 228

Data: *25 de fevereiro de 1989*

Pg.: _____

Índios declaram guerra aberta contra Sarney

190. O cacique Raoni garante que se os planos de construção de barragens no Xingu continuarem, haverá confronto

Altamira — O cacique Txucarramae Raoni declarou "guerra ao presidente José Sarney. "Se o chefe de vocês, que se chama Sarney, continuar com plano de barragem, eu vou fazer guerra com ele. É muito perigoso homem branco mexer com meu povo", desafiou ele, dando o tom ontem do encerramento do I Encontro das Nações Indígenas do Xingu. Os 800 índios de mais de 20 nações que vieram a Altamira decidiram que não querem a construção de hidrelétricas no Rio Xingu e em outros rios da Amazônia, "pois ameaçam as nações indígenas e os ribeiri-

nhos".

Raoni garantiu que não está na luta sozinho. "Não é só eu que conheço a nossa cultura", disse, renovando a ameaça. "Junto todo o meu povo e vou contra o branco. E fico em pé para a briga também" prometeu. Como ele, os outros povos indígenas da região estão cansados de serem desrespeitados: "Durante muito tempo o homem branco agrediu nosso pensamento e o espírito dos nossos antigos. Agora deve parar. Nossos territórios são os sítios sagrados de nosso povo, morada do nosso criador que não podem ser violados". É o que

consta da Declaração Indígena de Altamira", documento final do encontro.

O líder Paulinho Paikan afastou os boatos que correram durante o encontro sobre ameaças de morte. A única ameaça que paira sobre ele agora é uma gripe que o pegou na quinta-feira. Mas o advogado José Carlos Castro, da OAB paraense, informou ontem que pedirá proteção policial para Apaiakan.

Os índios da Amazônia decidiram também, a partir deste encontro, "vigiar as ações do governo para impedir mais destruição". E se unirão ao povo brasileiro e

ao Congresso Nacional "para, juntos, protegermos essa importante região do mundo". Sete parlamentares estavam ontem em Altamira para solidarizar-se com esta vontade. A deputada Benedita da Silva (PT-RJ), que ganhou um bonito cocar de penas coloridas, mereceu até danças e ovações da platéia índia.

Ela fez um discurso emocionado, sugerindo que, neste ano, eleitoral, "os índios devem cobrar dos políticos quanto à política indigenista". Membro da Frente Parlamentar Indigenista no Congresso, Benedita anunciou que vai trabalhar con-

tra a construção de hidrelétricas, já que com a nova Constituição aquela Casa ganhou poderes para legislar sobre política energética ou qualquer outro projeto do Executivo em terras indígenas. "Nós só queremos cumprir a Constituição. Esta mesma Constituição que o presidente Sarney jurou", disse ela.

E discordou da proposta do deputado inglês Tam Dalyell, do Partido Trabalhista, de incentivo às usinas nucleares. "O País precisa desarmar-se, fechar as usinas que já existem", declarou a deputada, alertando que "as armas nucleares podem le-

var a nação ao genocídio". Condenando "métodos e decisões autoritários e tecnológicos que impõe à nossa sociedade projetos megalomânicos de enorme impacto ambiental", os parlamentares Ademir Andrade, Fábio Feldman, Haroldo Lima, Nelson Friedrich, Otávio Elísio e Tadeu França, além de Benedita, deram adeus ao encontro após a festa do milho, tradicional ritual indígena que encerrou ontem no final da tarde, o I Encontro das Nações Indígenas do Xingu.

Paralelamente, 72 organizações não governamentais conservacionistas,

incluindo entidades ecológicas estrangeiras e nacionais e partidos políticos, resolveram lançar uma campanha nacional em defesa dos povos e da floresta amazônica. Elas querem uma revisão completa das políticas de governo que afetam o meio ambiente e um acompanhamento permanente dos projetos já implantados. E repudiaram o "Programa Nossa Natureza", que o governo lançou por decreto em outubro para cuidar do meio ambiente amazônico, e o projeto Calha Norte, "danoso às populações do Norte da Amazônia, em especial as indígenas".